

## JOVENS PESQUISADORES

### A CONSTRUÇÃO DO CORPO INDÍGENA KALAPALO (ALTO XINGU - BRASIL): PROCESSOS EDUCATIVOS ENVOLVIDOS

**Mônica dos Santos Lima**

**Luiz Gonçalves Júnior**

**João Veridiano Franco Neto**

#### RESUMO

Buscamos compreender a prática social de construção do corpo indígena Kalapalo. O estudo foi realizado na aldeia Aiha, Mato Grosso, Brasil. Foram feitas observações sistemáticas e estas registradas em diários de campo. Também realizamos entrevistas com professores indígenas. Observamos que a prática social da construção do corpo se dá, especialmente, por meio da reclusão pubertária, diferenciada para meninos e meninas. Os meninos são educados, principalmente com o auxílio do pai, para aquisição de força, fluência verbal, temperança e para uma estética robusta, de lutador. As meninas são educadas, especialmente com o cuidado da mãe, ao atributo da vergonha, da tranquilidade, ao saber da rotina doméstica e de uma beleza que privilegia formas arredondadas e panturrilhas grossas. Neste contexto ocorrem processos educativos diferenciados para meninos e meninas, relacionados à: ingestão de eméticos e ervas; realização de escarificações; restrições alimentares e sexuais; práticas corporais.

#### PALAVRAS CHAVES

Processos Educativos; Povo Indígena Kalapalo; Construção do Corpo.

### THE CONSTRUCTION OF INDIGENOUS BODY KALAPALO (ALTO XINGU - BRAZIL): JOINED EDUCATION INVOLVED

#### ABSTRACT

*We looked forward to understand the social practice of constructing the body indigenous Kalapalo. The study was conducted in the village Aiha, Mato Grosso, Brazil. Systematic observations were made and recorded in these diaries the field. We also do interviews with indigenous teachers. We observed that the practice of social construction of the body is given, especially by means of imprisonment puberty, different for boys and girls. The boys are educated, mainly with the help of the father, for the purchase of force, verbal fluency, temperance and a robust aesthetics of fighter. The girls are educated, especially with the care of the mother, the attribute of shame, of peace, know the routine domestic and a beauty that focuses rounded forms and thick calves. In this context occur educational processes different for boys and girls, related to: intake of emetics and herbs; realization of scarification; restrictions food and sex; practice corporal.*

#### KEYWORDS

*Native Body; Instructional process; Etnia Kalapalo.*

### INTRODUÇÃO

Melià (1979), ao desenvolver estudo sobre educação indígena, aponta que esta possui processos educativos próprios que incluem pedagogias, maneiras, métodos e regras específicas de ensino e aprendizagem, os quais orientam toda vida da etnia. Observa ainda que a educação indígena apresenta aspectos e momentos que requerem mais tempo do que outros, mais esforço, mais dedicação, tanto no ensino, como na aprendizagem.

Poucos estudos da área de Educação Física foram realizados a respeito da cultura corporal indígena, e considerando que “no corpo estão inscritos todas as regras, todas as normas e todos os valores de uma sociedade específica, por ser ele o meio de contato primário do indivíduo com o ambiente que o cerca” (DAOLIO, 1995, p.39), podemos conhecer mais uma expressão cultural que existe dentro do território brasileiro, porque são corpos diferentes expressando uma cultura, que a eles pertence tão intensamente como a sua própria existência.

Entendemos que a construção do corpo se dá, conforme Mauss (1974), a partir das “técnicas corporais”, pois cada cultura possui seus “modos de fazer” corporais, construídos a partir de um conjunto de hábitos, costumes, crenças e tradições herdados do contexto cultural, os quais identificam e distinguem as maneiras como os indivíduos sabem servir-se do corpo.

A proposta contida neste trabalho é oriunda de um trabalho de campo realizado na aldeia Aiha da etnia Kalapalo, localizada na Terra Indígena do Xingu (TIX)<sup>1</sup>, região nordeste do estado de Mato Grosso (MT), a qual pode ser dividida em três partes: Baixo, Médio e Alto Xingu. Por serem os Kalapalo, povo habitante do Alto Xingu e sua cultura corporal, foco central deste estudo, daremos destaque a esta porção da TIX e, mais especificamente a este povo.

De acordo com Lea (1997), no Alto Xingu - porção sul da TIX -, encontram-se os Wauja, Yawalapíti e Mehinaku (família lingüística Aruak), os Nahukuá, Matipu, Kuikuro e Kalapalo (família lingüística meridional do Karib) e, por fim, os Kamayurá (da família lingüística Tupi-Guarani) e Aweti (tronco Tupi). Apesar da variedade lingüística, os povos do

---

<sup>1</sup> A denominação TIX não existia. Inicialmente, em 1961, quando a área foi criada, era denominada de “Parque Nacional do Xingu”. Posteriormente, em 1967, recebeu a denominação de “Parque Indígena do Xingu” após a criação da Fundação Nacional do Índio (FUNAI), substituindo o Serviço de Proteção aos Índios. A nomenclatura “Parque” tinha como propósitos proteção ambiental e das populações indígenas, porém, o termo “parque” pode conotar que a existência dos povos indígenas que habitam a região esteja dependente de órgãos estatais que “cuidariam” destes povos como “cuidariam” das reservas naturais, o que poderia ocasionar recusa às populações indígenas terem autonomia de suas escolhas e de dinâmica dos seus hábitos, costumes e cultura em geral. Deste modo, atualmente a região é denominada “Terra Indígena do Xingu” (MENEZES, 2000).

Alto Xingu caracterizam-se por uma grande similaridade no seu modo de vida e em sua visão de mundo, vivendo articulados numa rede de trocas de bens materiais e simbólicos (FRANCHETTO, 2002).

O povo Kalapalo habita duas aldeias principais, Tanguro e Aiha e outros pequenos agrupamentos, sendo que neste estudo tivemos oportunidade de realizar pesquisa de campo<sup>2</sup> em Aiha. A aldeia Aiha totaliza, aproximadamente, 244 pessoas (121 mulheres e 123 homens)<sup>3</sup>.

Em Aiha, podemos observar vinte casas que formam um círculo. Sendo que uma das casas possui estrutura diferenciada por ser uma Unidade Básica de Saúde (UBS). No centro da aldeia há a “casa-dos-homens” ou “casa-das-flautas” (*kwakutu*). Ela possui três entradas: uma principal voltada para o pátio central e as outras duas nas extremidades. É nesta casa onde habita as flautas sagradas (*kagutu* na língua karib), interditadas aos olhares femininos.

Fora deste círculo há também outras duas casas (construídas posteriormente a conformação do círculo), uma escola e uma caixa-d’água de 10 mil litros abastecida por um poço artesiano. Ao sul da aldeia localiza-se a Escola Indígena Estadual Kalapalo. Ao norte localiza-se o lago no qual a comunidade banha-se, sendo também um ponto de encontro dos moradores da aldeia.

### OBJETIVO

Buscamos com este estudo compreender a prática social da construção do corpo indígena Kalapalo e os processos educativos que a perpassam, particularmente no processo de reclusão pubertária (rito de passagem), diferenciada para meninos e meninas.

### MATERIAL E MÉTODOS

Durante a permanência na aldeia, fui solicitada a dar aulas individuais pelos pais de meninas que não podiam freqüentar a escola por estarem passando pela reclusão pubertária. A oportunidade de acompanhar parte desta reclusão propiciou interessantes observações de tal prática social, possibilitando este estudo.

Salientamos que a interação com os membros da etnia Kalapalo e observação destes

---

<sup>2</sup> Mônica dos Santos Lima permaneceu na Aldeia por aproximadamente 3 meses em 2006, enquanto João Veridiano Franco Neto tem diversas permanências realizadas desde 2004.

e de sua cultura corporal se deu de modo cuidadoso, buscando aperfeiçoar o nosso olhar do seu dia-a-dia. Assim, além da análise bibliográfica, optamos por realizar, utilizando como recurso metodológico, o registro sistemático de notas em diários de campo (BOGDAN & BIKLEN, 1994), as quais são permeadas por diálogos (conversas e entrevistas).

### RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este item é construído a partir das anotações realizadas de modo sistematizado em diários de campo realizado na aldeia Aiha da etnia Kalapalo, na região etnograficamente denominada como *área do Uluri*<sup>4</sup>. A permanência na aldeia, de junho a final de agosto de 2006, somente foi possível sob a condição proposta pelas lideranças Kalapalo: de ensinar a língua portuguesa na escola indígena durante nossa estadia.

O longo ritual de passagem (reclusão), tanto masculina como feminina, é um processo de construção do corpo fundamental para formar o ideal de *pessoa* no Alto Xingu, no qual o desenvolvimento do ser se dá de modo integral. Devemos observar que, na cosmologia alto-xinguana, os seres humanos foram construídos em um gabinete de reclusão, transformando-se em pessoas após terem passado pelo processo de reclusão (AGOSTINHO, 1974).

Ademais, como observa Viveiros de Castro (2002), a fabricação da *pessoa* no Alto Xingu envolve uma série de etapas de reclusão, sendo estas compreendidas como momento de construção do corpo: como o período da *couvade* (período pós-parto da mulher, ficando ela e o marido sob restrições alimentares), a passagem da criança para a fase adulta, a doença, a iniciação xamanística e a do luto.

No período de reclusão pubertária masculina, o pai possui papel mais destacado na formação ideal de homem Kalapalo, a saber: as técnicas masculinas de trabalho desenvolvidas na roça, na pesca, na confecção de artesanatos; o aprendizado dos mitos, do falar baixo, do ter vergonha, do ser generoso, das habilidades de *kindene* (termo Kalapalo para designar luta), do fazer discurso formalizado. Na prática da reclusão pubertária feminina, é a mãe que ensina os saberes necessários para formar o ideal de mulher Kalapalo, a saber: confecção de redes, de

---

<sup>3</sup> Dados oriundos de nosso censo realizado em 2006.

<sup>4</sup> Em seu estudo sobre áreas culturais no Brasil, Galvão (1979) classificou os povos localizados nas cabeceiras dos rios formadores do rio Xingu como a *Área do Uluri*. Tal palavra corresponde a uma peça ritual feminina usada somente pelos povos desta região. Os principais critérios para esta classificação são a significativa singularidade no modo de vida destes povos, a intensa relação econômica, a interdependência ritual, além de comungarem do mesmo arcabouço mitológico.

colares e outros artefatos de miçanga; as técnicas do processamento alimentar e os saberes que se restringem ao domínio feminino (ser excepcionalmente bela, dançar, cantar).

As meninas entram no processo de reclusão quando têm menarca. No início deste processo, elas passam toda a linha contida em um novelo de lã um pouco abaixo da articulação de cada um dos joelhos, pressionando os jarretes<sup>5</sup>; amarrando do mesmo modo um pouco acima da articulação dos tornozelos. O objetivo deste procedimento é aumentar o volume das panturrilhas, pois há uma apreciação estética por esta parte do corpo feminino ser grossa entre os Kalapalo.

Durante a reclusão, elas permanecem em um gabinete construído pelos familiares dentro da casa por um período que varia de um ano e meio a três anos. Não podendo sair deste quarto, exceto para ir ao banheiro ou tomar banho; momentos nos quais elas devem sair cobertas com panos para não serem vistas por pessoas que não sejam da família. Preferencialmente, inclusive, tomam banho no próprio gabinete.

Neste período, a menina em formação é orientada pela mãe a seguir rigorosamente uma dieta, que envolve restrição alimentar (de sal, doces, pimenta, peixes – este por um curto período) e sexual, bem como a ingestão de eméticos e ervas, intimamente relacionados com a escarificação<sup>6</sup>. Isto favorece, de acordo com o saber Kalapalo, o aumento da estatura e da massa corpórea.

Observando que estas ervas possuem donos (espíritos), ao mesmo tempo em que potencializam a aquisição da força e do crescimento, desde que seguidas às restrições alimentares e sexuais, podem oferecer o contrário (caso as regras sejam infringidas): a fraqueza, o não crescimento e, principalmente, uma vida de má conduta<sup>7</sup>.

A saída da menina da reclusão ocorre quando a franja de seu cabelo atinge a altura do queixo, associada ao julgamento de sua mãe no sentido de que *ela está pronta*, ou seja, deixou de ser menina e *se tornou mulher*. Na compreensão Kalapalo, isto ocorre quando ela esta apta

---

<sup>5</sup> Tendão situado na parte de trás da articulação do joelho.

<sup>6</sup> Processo de arrancar grandes grupos musculares com uma arranhadeira feita com um pedaço de cabaça cortado em forma triangular, usado para a empunhadura, e dentes de peixe-cachorra alinhados na base, fixado com resina vegetal, o qual serve para escarificar.

<sup>7</sup> Viveiros de Castro (1979), afirma que a fabricação do corpo e a formação moral da pessoa é um processo único concretizado no período da reclusão, e quando a pessoa não segue as regras ela tende a comportamentos não aceitos na sociedade alto-xinguana.

a desenvolver suas funções femininas na aldeia: casar, ter filhos, confeccionar artesanatos, trabalhar no processamento da mandioca-brava, entre outras.

Assim como as meninas, os meninos também possuem restrições alimentares e sexuais. Por outro lado, o processo de reclusão masculino diferencia-se pelo tempo de reclusão contínua, que ocorre entre dois a seis meses, num período que varia entre 3 e 9 anos. Embora a reclusão dos meninos frequentemente seja de período maior do que das meninas, eles podem sair da casa para pescar, ir à escola, acompanhar os familiares na roça e, especialmente, aprender a ser um bom lutador.

O período de reclusão é determinado de acordo com os anseios do pai, no sentido de preparação de seu filho para aquisição de posições de destaque na aldeia, a saber: lutador campeão (*kindoto*), cacique (*anetü*), dono de histórias (*akinha óto*), entre outras. No entanto, para o povo Kalapalo, quanto maior o período de reclusão, desde que com todas as exigências respeitadas, melhor será a preparação do menino em formação.

É principalmente durante a reclusão pubertária masculina que ocorre o aprendizado de *kindene*, termo Kalapalo para designar luta, em geral se faz em momentos em que os lutadores mais experientes chamam os menos experientes reclusos (os não reclusos também podem ser chamados) para treinar no pátio da aldeia, à frente da casa-dos-homens. O campeão da aldeia tem a responsabilidade de ensinar *kindene* aos meninos no período de reclusão, além de passar seus conhecimentos e sua *força* para aqueles que consideram em melhores condições de suceder o seu lugar. Isto porque, entre os Kalapalo, uma pessoa não cria *força* a partir de suas próprias vontades e sim ela deve receber esta *força* de alguém que já a possui.

Nos treinos é exatamente esta a relação que ocorre. Os lutadores iniciantes são *receptores* de *força* dos lutadores experientes que as *transmitem* no decorrer dos treinos. Além disso, enquanto ocorrem os treinos de um grupo, os demais lutadores permanecem sentados observando atentamente, sendo que os experientes vão comentando aos aprendizes as situações ocorridas durante a luta, orientando-os sobre elementos da defesa e do ataque.

Nestes embates, costumam ocorrer lesões nos dedos dos pés e das mãos, nas orelhas, no rosto, nos joelhos, nos tornozelos e diversas unhas na região do pescoço e braços, podendo acarretar em deformações, principalmente nas orelhas devido às sucessivas lesões. Todavia, estas deformações se transformam num *emblema* de lutador.

Além disso, nos treinos, os lutadores se escarificam quando estão se sentindo fracos, sendo necessário arranhar (termo nativo para escarificação) para tirar o *sangue fraco* e depois passar ervas para ganhar força do *dono da erva* (entidade sobrenatural). Todos tomam raízes para adquirir forças, mas o *dono da erva* impõe regras de respeito: restringe-os a se alimentarem somente de peixe sem condimentos, beiju e mingau de beiju. Caso quebrem estas regras, ficam doentes (FRANCO NETO, 2005).

A reclusão dos meninos termina quando o pai entende que o filho *tornou-se homem*, estando pronto para desenvolver as atividades masculinas conforme compreensão Kalapalo, ou seja: casar, ter filhos, participar das discussões políticas no centro da aldeia, entre outras atividades de um homem adulto.

Ao final do processo de reclusão é comum a apresentação pública dos jovens (masculinos e femininos) no ritual denominado *Kwarup*, o qual, no entanto, tem o objetivo precípuo de homenagear os mortos ilustres da aldeia. Após a etapa de lutas no ritual, as meninas que se encontram no final do período de reclusão, acompanhadas de suas mães, se enfeitam e encontram os caciques ou coordenadores de cada grupo convidado, os quais desamarram as jarreteiras das pernas delas. Tal momento tem o caráter de apresentação das meninas que saíram ou estão saindo da reclusão como estando prontas para casar.

Tal ritual funerário é muito divulgado pela mídia e conhecido pela sociedade, o *Kwarup* (termo em Kamayurá) é denominado *Egitsü* em Karib. O *Kwarup*<sup>8</sup> é uma cerimônia que está relacionada intimamente com o universo mítico e envolve as várias etnias alto-xinguanas para homenagear pessoas, que morreram, consideradas importantes, pertencentes principalmente às linhagens de caciques. Normalmente, todos os nove povos do Alto Xingu devem ter grupos presentes neste ritual de alguma forma, ou como aliados ou como convidados.

Para a realização do *Kwarup*, ocorre uma série de eventos preparatórios que exige a participação de toda a comunidade anfitriã. Uma das primeiras medidas preparatórias é as formações de alianças com as etnias que também têm pessoas mortas a serem homenageadas, mas não possuem condições logísticas suficientes para arcar com eventos ritualísticos de porte como o *Kwarup*.

---

<sup>8</sup> De acordo com o mito, esta solenidade foi instituída pelos gêmeos Sol e Lua no tempo mítico. Para conferir uma versão Kamayurá deste referido mito ver Pedro Agostinho da Silva (1974).

A partir disso, a etnia anfitriã obtém apoio na realização dos eventos preparatórios que antecedem o *Kwarup* como: na junção de polvilho de mandioca ou festa do polvilho que simboliza a aliança alimentar; na pescaria coletiva - um evento importante na preparação do ritual funerário, pois está relacionada com a contribuição dos aliados na realização do ritual; na formação da equipe de lutadores que atuarão no dia do ritual; e no corte da árvore específica denominada *uëgühi*, a qual, após o corte no tamanho adequado para se obter a tora do *Kwarup* (chamada de *tita*), representará o(s) homenageado(s) no ritual.

Além das atividades apresentadas acima, ocorrem também os eventos internos à comunidade anfitriã: os treinos diários para a luta, a pescaria, o banho do luto<sup>9</sup>, as danças e cantos que são acontecimentos fundamentais para elaboração do ritual interétnico.

Após o corte da árvore, os troncos são pintados da mesma forma que as pinturas corporais, representando os mortos, enfeitando-os com os ornamentos tradicionais e ideais de um ser humano na cultura Kalapalo: cocar, plumas coloridas e cintos feitos de feixes de lãs em várias cores.

Após a pintura do tronco, os familiares – donos do ritual - dirigem-se ao centro da aldeia para cortarem os cabelos, os quais não eram cortados desde o falecimento do parente íntimo, e para serem pintados. As mulheres desenham com jenipapo traçados característicos da cintura até o tornozelo e com urucum fazem uma faixa de uma têmpora à outra, passando por cima das sobrancelhas e das pálpebras. Além de usarem colares de discos e placas de caramujo para enfeitar. Os homens desenham e pintam todo o corpo. Em seguida, todos se reúnem com a comunidade entorno dos troncos do *Kwarup* para o rito do choro.

É apenas ao final desta tarde, quase ao anoitecer, que os convidados de outras aldeias - não aliados - vão chegando. No decurso da noite, se iniciam o *atahitsenge*, ritual no qual cada grupo “invade” a aldeia anfitriã para tomar lenha em brasa, as danças, os cantos e as lamentações. Durante a madrugada, ou seja, no início do segundo dia da cerimônia de encerramento do *Kwarup*, os lutadores e todos os outros indígenas iniciam suas pinturas corporais com os traços gráficos característicos da cultura alto-xinguana. Eles preparam-se para as seqüências de lutas tradicionais – conhecidas popularmente por *huka-huka*, que é o

---

<sup>9</sup> A família que deseja realizar o *Kwarup* se torna dona do ritual funerário, permanecendo de luto até o dia da cerimônia. No decorrer da preparação do *Kwarup* elas tomam o “banho do luto” no centro da aldeia onde as pessoas que estão envolvidas com o ritual jogam água com uma cabaça – ressaltamos que a família enlutada paga por estes banhos com bens apropriados (colares de casca de caramujo, panelas, bicicletas, etc. – nada impede que também seja dinheiro). Os integrantes da família ficam com pele clara e os cabelos compridos e



clímax de todo o ritual, momento no qual todas as etnias (anfitriãs e convidadas) se interagem de forma mais intensa.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observamos que a prática social da construção do corpo se dá, especialmente, por meio da reclusão pubertária, diferenciada para meninos e meninas, envolvendo processos educativos fundamentais para formar o ideal de *pessoa* no Alto Xingu.

Os meninos são educados, principalmente com o auxílio do pai, para aquisição de força, fluência verbal, temperança e para uma estética robusta, de lutador. As meninas são educadas, especialmente com o cuidado da mãe, ao atributo da vergonha, da tranquilidade, ao saber da rotina doméstica e de uma beleza que privilegia formas arredondadas e panturrilhas grossas. Neste contexto ocorrem processos educativos diferenciados para meninos e meninas, relacionados à: ingestão de eméticos e ervas; realização de escarificações; restrições alimentares e sexuais; práticas corporais.

As brincadeiras, as danças, os cantos e as lutas perdem o seu significado original se considerados como elementos isolados e descontextualizados do cotidiano da etnia Kalapalo e dos seus rituais. Estas práticas vão além de uma dança ou de uma luta enquanto fim em si mesma, conforme pudemos observar, de modo mais exaltado, no ritual do *Kwarup*, o qual reconstitui a criação da vida e da morte, bem como constitui a apresentação dos jovens (meninos e meninas), que estão saindo da reclusão.

### REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, P. **Kwarìp**: mito e ritual no Alto Xingu. São Paulo: EDUSP, 1974.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 1994.

DAOLIO, J. **Da cultura do corpo**. Campinas: Papirus, 1995.

FRANCO NETO, J. V. **Xamanismo e linguagem ritual**: ao Kalapalo do Alto Xingu. Monografia (Graduação em Ciências Sociais). São Carlos: UFSCar, 2005.

FRANCHETTO, B. 'O aparecimento dos caraíba': para uma história kuikuro e alto-xinguanos. In: CARNEIRO DA CUNHA, Manuela (Org.). **História dos índios no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras/FAPESP/ SMC. 2002, p. 337-356.

---

falam com a tonalidade da voz baixa, característica dos enlutados alto-xinguanos.

GALVÃO, E. Áreas culturais indígenas do Brasil: 1900-1959. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, (N. S.), Antropologia, Belém, Nº 8. 1960.

LEA, V. **Parque Indígena do Xingu**: laudo antropológico. Campinas: UNICAMP, 1997.

MAUSS, M. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: EPU/EDUSP, 1974.

MELIÀ, B. **Educação indígena e alfabetização**. São Paulo: Loyola, 1979.

MENEZES, M. L. P. **Parque Indígena do Xingu**: a construção um território estatal. Campinas: Editora da Unicamp, 2000.

VIVEIROS DE CASTRO, E. **A fabricação do corpo na sociedade xinguana**. In: Boletim do Museu Nacional (n.s.), Antropologia, n.º 32, p. 40-9, 1979.

\_\_\_\_\_. **A inconstância da alma selvagem**. São Paulo: Cosac & Naif, 2002.

---

**MÔNICA DOS SANTOS LIMA**

Universidade Federal de São Carlos  
(NEFEF/DEFMH/SPQMH/UFSCar)  
E-mail: [monidossantos@yahoo.com.br](mailto:monidossantos@yahoo.com.br)

---

**LUIZ GONÇALVES JUNIOR (O)**

Universidade Federal de São Carlos  
(NEFEF/DEFMH/SPQMH/PPGE/UFSCar)  
E-mail: [luiz@ufscar.br](mailto:luiz@ufscar.br)

---

**JOÃO VERIDIANO FRANCO NETO (CO)**

Universidade Estadual de Campinas (IFCH/UNICAMP)  
E-mail: [joaoveridiano@yahoo.com.br](mailto:joaoveridiano@yahoo.com.br)

---

Recebido em: 10/02/2008  
Publicado em: 02/07/2008